

NEM O CENTRO, NEM A MARGEM: O lugar da bicha preta na história e na sociedade brasileira

Megg Rayara Gomes de Oliveira

Universidade Federal do Paraná – marclive93@gmail.com

RESUMO

Neste artigo discuto o trajeto histórico das bichas pretas em nossa sociedade. Inicialmente problematizo a falta de trabalhos que problematizem as experiências de homossexuais masculinos negros no Brasil e a relação da pesquisa acadêmica com o fenótipo e com a orientação sexual dos pesquisadores e pesquisadoras. O conceito de interseccionalidade desenvolvido pela jurista negra estadunidense Kimberlé Crenshaw é peça chave nessa discussão por possibilitar um revezamento entre diversas áreas do conhecimento, como os estudos das relações étnico-raciais, os estudos de gênero e diversidade sexual, as teorias pós-estruturalistas e a obra de Michel Foucault. Utilizo os termos bicha e preto/a como categorias de análise por entender que potencializam o debate sobre raça e gênero, além de possibilitar que se questione a normatização presentes nas categorias homossexual e negro/a. Nenhuma categoria aqui debatida foi tratada como algo estático, fixo, cristalizado, numa oposição declarada às visões essencialistas que generalizam existências e desconsideram os múltiplos processos que as envolvem.

Palavras-chave: homossexual; bicha; preto/a; branquidade; cis heteronormatividade.

INTRODUÇÃO¹

A inquietação que me motivou a desenvolver este trabalho relaciona-se com minha trajetória pessoal e profissional como professora, marcada pelo racismo e pela LGBTfobia.

Minha inquietação foi se constituindo em uma narrativa comum produzida também por outras pessoas negras que apresentavam expressões de gênero e orientações sexuais discordantes da norma cis heterossexual.

Desta forma, esse trabalho nasce de uma inquietação pessoal, compartilhada por vários sujeitos que, assim como eu, se movem em busca de ocupação de espaços. Tal afirmativa justifica-se a partir de minhas incursões pela pesquisa acadêmica pela qual tive acesso a trabalhos que discutem de maneiras separadas homossexualidade masculina e relações raciais.

Assim, para desenvolver esse trabalho me aproximei das reflexões desenvolvidas pela jurista negra estadunidense Kimberlé Crenshaw que culminaram no desenvolvimento do conceito de interseccionalidade em 1989 (Mara Viveros VIGOYA, 2016)².

¹ Este artigo foi extraído da minha tese de doutorado intitulada *O Diabo em Forma de Gente: (R)existências de Gays Afeminados, Viados e Bichas Pretas na Educação*, defendida em 30 de março de 2017 na Universidade Federal do Paraná.

² Por defender uma educação não sexista além de utilizar o gênero feminino e masculino para me referir às pessoas em geral, na primeira vez que há a citação de um/a autor/a, transcrevo seu nome completo para a identificação do sexo (gênero) e, conseqüentemente, para proporcionar maior visibilidade às pesquisadoras e estudosas.

Este conceito, então, assume uma importância central neste trabalho por possibilitar o revezamento entre diversas áreas do conhecimento, como os estudos das relações étnico-raciais, dos estudos de gênero e diversidade sexual e as teorias pós-estruturalistas e a obra de Michel Foucault (1926 – 1984) e assim me aventurar a percorrer, ainda que de forma pouco profunda, o trajeto das bichas pretas na sociedade brasileira.

Da obra de Michel Foucault me interessa suas reflexões a respeito dos Dispositivos de Poder por procurar atribuir ao corpo alguma utilidade e integrá-lo em sistemas econômicos.

A partir do que propõe Foucault, tomo a liberdade para considerar o racismo e a homofobia como resultados da aplicação das técnicas de poder, pois agem sobre os corpos de indivíduos negros que escapam as normas da cis heterossexualidade hegemônicas. Assim, as formas de operação do racismo e da homofobia podem ser interpretadas como resultados da disciplina, justamente porque permitem o controle minucioso das operações do corpo e asseguram a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade (FOUCAULT, 1975, p.129).

Intersecções entre homofobia e racismo

Fazer a intersecção entre homofobia e racismo no Brasil ainda é uma novidade, pois os estudos sobre relações raciais têm negligenciado a respeito da situação dos homens homossexuais, da mesma maneira que os estudos de gênero têm dado pouca atenção às questões de raça.

Questionando o porquê da pouca produção teórica interseccionando esses campos, minha pesquisa indica que esse quadro está associado à pouca representatividade que homossexuais negros possuem tanto no movimento negro, quanto no movimento gay³ e também ao número reduzido de pesquisadores negros homossexuais em atividade nas universidades brasileiras.

Em seu estudo sobre homossexualidade⁴ no Brasil, João Bôsco Hora GÓIS (2003) reconhece que as reflexões acadêmicas sobre o assunto já vinham sendo feitas por médicos higienistas desde o século XIX que procuravam identificar traços comuns entre os chamados pederastas e destacar a degeneração contida nos corpos de homens e mulheres que mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo (GÓIS, 2003). Ao longo do século XX as teorias da degenerescência foram gradualmente desacreditadas.

³ Como esta pesquisa trata especificamente de homens negros/pretos *gays*, viados e bichas, vou me deter apenas ao movimento *gay* por entender que as pautas do movimento LGBT são mais amplas e não estão sendo discutidas neste trabalho.

⁴ Embora o conceito de homossexualidade seja desenvolvido na década de 1990, mantenho a grafia e os conceitos utilizados pelo autor.

Góis (2003) também discute o perfil dos pesquisadores que se interessam em problematizar homossexualidades a partir da década de 1970. Esses estudos começam a ser produzidos por pessoas homoeroticamente inclinadas e/ou que assumiam uma postura positiva em relação ao homoerotismo. Essas pesquisas promovem “uma guinada significativa na perspectiva de análise da questão, assim como também aglutinou temas diametralmente opostos daqueles estudados em momentos anteriores” (GÓIS, 2003, p. 290).

Assim como acontece com os estudos feministas e de gênero ainda centrados nas mulheres brancas e cis heterossexuais, os estudos sobre homossexualidades a atenção tem se dirigido predominantemente aos homossexuais do sexo masculino, também brancos (GÓIS, 2013).

A relação entre raça, gênero e a orientação sexual do/a pesquisador/a e o tema de suas pesquisas discutido por Góis (2003) foi problematizada por Ângela Figueiredo (2008). Para ela, “há nos estudos de gênero e raça uma identificação entre o sujeito e o objeto da investigação” (FIGUEIREDO, 2008, p. 239). A predileção por determinados temas teria uma relação tanto com a orientação sexual e a identidade de gênero do/a pesquisador/a quanto com o seu pertencimento racial.

Masculinidade hegemônica

Afirmo que a negritude se constitui a partir da cis heterossexualidade hegemônica e a homossexualidade a partir da branquidade⁵, o que contribui para a manutenção de uma masculinidade hegemônica branca e cis heterossexual.

Essa masculinidade se utiliza da branquidade e da cis heterossexualidade para garantir uma supremacia incontestada de raça e de gênero que opera no sentido de silenciar as masculinidades ditas periféricas. Assim, assegura a manutenção de uma estrutura patriarcal que reproduz visões do regime escravista: “Esse processo de entronização do macho branco, também é, na verdade, fundamentalmente um processo de legitimação da expropriação econômica, dos bens, dos corpos, dos territórios e dos frutos do trabalho” (Osmundo PINHO, 2008, p. 273).

Mesmo a masculinidade hegemônica não é um atributo fixo. Essa masculinidade se constrói do contato com o outro, exigindo que as normas de hierarquização sejam atualizadas. Isso faz com que o homem negro continue sendo caracterizado por suas “essências” reduzido “aos confins do seu corpo e, por extensão, simbólico e, às vezes, literalmente ao seu sexo” (John Andre MUNDELL, 2013, p. 3).

⁵ A branquidade é definida como as práticas daqueles indivíduos brancos que assumem e reafirmam a condição ideal e única de ser humano, portanto, reivindicam o direito pela manutenção do privilégio perpetuado socialmente (JESUS, 2012).

A masculinidade do homem negro fica reduzida ao seu sexo e, nas relações homoafetivas ou sexuais, simplesmente, o que se espera é que o parceiro de pele mais escura atue como o ativo, e o parceiro mais claro como o passivo. Essa expectativa em relação ao homossexual negro interfere no processo de afirmação da sua orientação sexual: colocada num plano específico, reduz suas possibilidades de atuação.

Interpretado como o sujeito ativo (o penetrador), o que se espera do homossexual negro é que adote atitudes viris, que não desmunheque, que seja homem nos moldes tradicionais impostos por nossa sociedade.

Da bicha ao homossexual! Do homossexual à bicha!

A bicha nasce do discurso.

Antes mesmo de adquirirmos consciência do potencial repressivo que esse termo tenta impor, ele é lançado como um torpedo que tenta um aniquilamento. Um grito que ecoa do outro lado da rua ou no pátio da escola, um desenho tosco na parede de um banheiro público, uma pregação religiosa: Bicha!

Quando se nomeia a bicha, “opera-se uma invocação, como um ritual no qual o que é tido apenas como espírito toma um lugar no chão concreto da experiência” (Jésio ZAMBONI, 2016, p. 67).

Seguir os passos da bicha não é uma tarefa das mais simples. Exige um caminhar titubeante pelas bordas e um mergulho por frestas escuras onde é constantemente alocada. O trajeto de uma bicha não é feito em linha reta, e tão pouco por terrenos planos: é um zigue-zague constante por terrenos acidentados.

As bichas estão deslocadas “fora dos centros formais de poder social, elas ocupam uma posição estrutural as margens da sociedade” (Peter FRY; Edward MACRAE, 1985, p. 58), embora nem sempre tenha sido assim.

Quando a bicha é identificada, via de regra, é comprimida entre uma multiplicidade de sujeitos que a invisibiliza e silencia: “Não que a bicha desapareça por completo, mas ela é sistematicamente atacada, por meio de variadas estratégias, tendo em vista sua eliminação cultural” (ZAMBONI, 2016, p. 17). No entanto, ela se faz presente nas frestas da história, denominada de maneiras variadas, mas ainda é ela, a bicha. Assim, os sinais de sua existência vão sendo revelados, e um lugar na história que lhe foi tirado começa a ser timidamente construído.

Como acontece com o termo “homossexual”, em que a prática antecede a emergência do sujeito, a palavra “bicha” será inventada no século XX, ainda que seus vestígios sejam localizados muito antes.

Antes mesmo das bichas brancas identificadas por Fry e MacRae (1985) no Rio de Janeiro, as bichas pretas já circulavam em várias regiões do Brasil, ainda no regime imperial.

Em 1591, na cidade de Salvador – BA, Francisco Manicongo, um sapateiro preto que desafiava as normas de gênero e borrava as fronteiras daquilo que era tido como feminino e masculino e saía às ruas com um pano “cingido” ao corpo para mostrar aos outros negros que servia de “mulher paciente”⁶ (Luiz MOTT, 2003).

No século XIX, entre os anos de 1860 e 1870, era significativa a presença de homossexuais pretos que se travestiam pelas ruas de Salvador.

Yaya Mariquinhas, um(a) vadio(a) preto(a) era exemplo da ofensa permanente à moralidade pública por usar trajes de mulher (Jocélio Telles dos SANTOS, 1997). A bicha do século XVI localizada por Mott (2005), a mulher paciente, e do século XIX localizada por Santos (1997), chamada de incorrigível, afeminado, desenfreado ou homem-mulher no estado da Bahia, estava presente nos tribunais do Santo Ofício, nos autos policiais e nas páginas dos jornais.

Por não se encaixar nas normas sexuais e de gênero do seu tempo, deixou de ser vigiada apenas pelo corpo social, pelos mecanismos tradicionais do pudor, da vergonha, da maledicência e do ridículo e passou a ser controlada principalmente pela polícia (SANTOS, 1997).

De modo geral, as bichas pretas tem uma existência que não trata da margem apenas, mas de um risco que se atravessa. É uma transversal que perpassa o jogo centro e periferia, rasgando-o. As várias linhas que se cruzam tecem uma superfície composta por múltiplos pontos, singularidades de uma bicha (ZAMBONI, 2016), às vezes sozinha, às vezes em grupo.

Algumas Considerações

Tratei nesse artigo o racismo e a homofobia como dispositivo de poder, que interferem inclusive na pouca representatividade que homossexuais negros possuem tanto no movimento negro, quanto no movimento gay e na academia. Outro reflexo desses dispositivos de poder se observa na ausência quase absoluta de trabalhos discutindo homossexualidades masculinas negras. Problematizo ainda a masculinidade hegemônica, que interfere na maneira como homossexuais masculinos negros são vistos e tratados, reduzidos na maioria das vezes ao plano puramente sexual.

⁶ Termo utilizado à época nas regiões da atual Angola e Congo para referir-se aos homossexuais passivos.

Afirmo que as categorias negro e homossexual operam para naturalizar modelos de masculinidades inspirados na cis heterossexualidade branca hegemônica. Assim as categorias preto/a e bicha emergem como possibilidades concretas de existências que colocam sob suspeita, inclusive os dispositivos de poder propostos por Michel Foucault.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Ângela. Dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil. In: OSMUNDO, Pinho; SANSONE, Livio (Orgs.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 237-255.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo Abril Cultural Brasiliense, 1985.

GÓIS, João Bôsco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 289-336, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/S0104-026X2003000100021/8728>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico lusófono negro. **Revista Afro-Ásia**, n. 33, p. 9-33, 2005. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia33_pp9_33_Mott.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2011.

MUNDELL, John Andrew. As masculinidades de homens negros gays em Salvador da Bahia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013. **Anais...** Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373321880_ARQUIVO_FazendoGenero10Paper.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2016.

PINHO, Osmundo. Relações raciais e sexualidade. In: OSMUNDO, Pinho; SANSONE, Livio (Orgs.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 257-284.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Incorrigíveis, afeminados, desenfreados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**, v. 40, n. 2, São Paulo, USP, p. 145-182, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v40n2/3234.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2011.

VIGOYA, Mara Viveros. La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. **Debate Feminista**, v. 52, p. 1 -17, out., 2016. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0188947816300603>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

ZAMBONI, Jésio. **Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.